



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Mariana Aparecida de Oliveira  
Ribeiro*

*Universidade Federal do Maranhão/CCEL  
maribeiro58@gmail.com*

*Edson Sousa da Silva*

*Universidade Federal do Maranhão/CCEL  
edinhodm@hotmail.com*

## *A patemização do discurso sobre as quebradeiras de coco babaçu no Maranhão*

*RESUMO: Este artigo busca analisar a construção de efeitos patêmicos no discurso sobre as quebradeiras de coco babaçu. Para tanto, tomamos como objeto de análise uma reportagem divulgada na revista Globo Rural, em comemoração ao número 2000 do programa na TV, com o título “Veja como estão as quebradeiras de babaçu visitadas pelo Globo Rural há 15 anos”. Utiliza-se como referenciais teóricos da argumentação e da semiolinguística CHARAUDEAU (2007; 2010), para analisar a maneira como um fato social se transforma em discurso por meio dos enunciados e os conceitos de Ethos e Phatos e seus efeitos nos discursos e AMOSSY (2005), para analisar cenas e canções populares entoadas pelas quebradeiras de coco babaçu que compõem essa reportagem. Ao analisar os dados, notamos que a reportagem da Revista Globo Rural constrói, por meio de uma série de efeitos patêmicos, uma identificação do espectador com as quebradeiras de coco de babaçu. Essas são identificadas como profissionais, mulheres, mães e provedoras. Contudo, à medida que cada uma dessas personagens é apresentada, há uma cristalização da figura dessas mulheres, pela repetição de imagens apresentadas no trecho em análise. O saber sobre elas assume o valor de uma doxa, torna-se lugar comum.*

*Palavras-chave: Emoção; Patemização; Reportagem; Ethos.*

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados parciais de uma dissertação de mestrado em andamento, que tem como objeto de pesquisa o discurso das quebradeiras de coco de babaçu da comunidade de Ludovico, no Estado do Maranhão. As quebradeiras de coco são um grupo de mulheres que vivem da extração do babaçu. São um grupo emblemático pelas lutas que travaram e travam pela terra e pela continuidade do seu ofício.

Tendo como base teorias do discurso voltadas ao campo da argumentação e a semiolinguística, neste artigo, buscaremos analisar a presença dos efeitos patêmicos ligados à construção do sujeito e a emoção presente na reportagem "Veja como estão as quebradeiras de babaçu visitadas pelo Globo Rural há 15 anos" publicada pela Revista Globo Rural em 13 de janeiro de 2019<sup>1</sup>, perpassando pelo debate sobre *Ethos*, *Phatos* e *Doxa*.

O *corpus* são os minutos finais da reportagem veiculada em formato de vídeo. A reportagem toda é veiculada em quatro vídeos que totalizam 42 minutos de vídeo, dessa totalidade nos deteremos nos minutos finais do último dos vídeos produzidos. A escolha do *corpus* para ser analisado deu-se pelo destaque dado, pela reportagem, para as quebradeiras de coco babaçu, seu processo de organização e a construção da identidade dos sujeitos. Destacam-se, no vídeo, o processo de luta e organização das mulheres enquanto movimento social e a relação com o meio ambiente. Analisaremos apenas os minutos finais da reportagem, uma vez que esses minutos constituem uma síntese do que foi afirmado anteriormente e é o momento em que temos a exposição das quebradeiras de coco sobre o seu fazer de maneira livre, sem intervenção da jornalista que conduz a reportagem.

Como fundamentação teórica, utilizaremos Charaudeau (2007) para discutir o viés contratual existente na reportagem e os efeitos visados e produzidos; Amossy (2005) para discutir o conceito de *Phatos* e os efeitos emotivos causados pela reportagem, ligando-os pela construção dos sujeitos, seu *ethos*, além do conceito de *doxa*. Tais elementos se juntam ao pensamento e percepção de que uma





reportagem fílmica pode persuadir o público, pois “consiste em fazer passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 55).

A relação entre enunciador e interlocutores, no extrato do vídeo, traz um caráter sentimental carregado de emoção e intercalado por falas dos sujeitos da reportagem. Tudo isso facilita na identificação da patemização e análise dos demais efeitos sobre o *ethos*, o que pode vir a causar aceitação de quem vir o vídeo.

Por fim, este trabalho se organiza de forma que haja uma reflexão sobre os sujeitos discursivos e a relação com a emoção e seus efeitos na reportagem. Apresentaremos os conceitos que nos auxiliarão a analisar os dados e, ao final, analisaremos um trecho da reportagem mencionada, mostrando como essa reportagem produz efeitos patêmicos.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por ser um texto midiático, a reportagem, além de apresentar um acontecimento, busca, por meio dessa apresentação conseguir a adesão de seu espectador. Desse modo, vemos como esse gênero textual ilustra como a argumentação é característica não só dos gêneros textuais que são compostos principalmente por sequências textuais argumentativas, mas pode funcionar como um efeito discursivo.

Nesse sentido, esse gênero tem como um dos seus objetivos convencer/persuadir o leitor/espectador de alguma coisa. No caso da reportagem analisada, vemos que o que mais se observa nesse processo de persuasão são matérias/cenas carregadas de emoções a fim de que o espectador se identifique com o que está sendo veiculado. Essa identificação se dá, como mostraremos mais detalhadamente adiante, por meio da construção de uma narrativa sobre quem são as quebradeiras de coco de babaçu. Essas são apresentadas por meio de uma série de imagens que visam aproximar o leitor das personagens apresentadas no vídeo.

É importante destacar que há vários trabalhos realizados que tematizam os efeitos patêmicos em produções midiáticas. Contudo, há entre esses trabalhos e o aqui apresentado uma

diferença que é o *corpus* selecionado para a análise e uma reportagem que se constrói por meio de uma dramatização.



Um dos trabalhos realizados é o de Brito e Oliveira (2018) que analisam a polêmica discursiva e o pathos em comentários de notícias publicadas no *facebook*. Após realizar uma discussão teórica sobre a importância das emoções (pathos) para a argumentação, os autores informam que têm como foco os efeitos visados e que a análise dos dados se deterá sobre os tipos de argumentos apresentados e a violência verbal presente nos comentários de *facebook*. A análise mostra que há a predominância de dois tipos de argumentos: o *ad hominem* e o *ad absurdum*, e ressalta que a violência verbal presente nos comentários é justificada, pois esses são ambientes propícios para a expressão desse tipo de sentimento.

Para tematizar sobre o pathos em textos jornalísticos, Fernandes (2012) analisa uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo e um texto publicado em resposta a matéria analisada. A pesquisadora mostra como os dois textos têm sua argumentação construída de maneira gradativa e fazendo uso da emoção. No caso do primeiro texto analisado, a autora mostra como a construção dessa emoção se liga a um dos objetivos do texto jornalístico que é o de seduzir. Essa sedução se dá por meio da dramatização e do uso de recursos como operadores argumentativos, modalizadores e de pressupostos. Por fim, a pesquisadora conclui que o pathos, as emoções, estabelecem uma ligação entre os interlocutores em um contrato comunicativo.

Os trabalhos apresentados ilustram algumas das abordagens feitas sobre a temática: pathos e discurso jornalístico. O trabalho que empreendemos guarda semelhanças e diferenças com os apresentados. Como já afirmamos, uma das diferenças é o *corpus* analisado, mas há outras. No primeiro dos artigos apresentado (Brito e Oliveira, 2018), o texto jornalístico foi apenas o ponto de partida para os comentários realizados e são esses o *corpus* da pesquisa. Da mesma forma, há a análise de um único tipo de efeito patêmico: a violência verbal.

Este texto, contudo, tem mais semelhança com o trabalho de Fernandes (2012), sobretudo, em relação ao *corpus*



analisado. Fernandes (2012) analisou uma reportagem que era composta por uma série de sequências textuais narrativas e que seduzia o leitor por meio da narrativa de uma das personagens presente na reportagem. Trata-se do ponto de vista da construção textual de uma reportagem bem semelhante a que iremos analisar, como veremos mais adiante.

Nessa perspectiva, é importante inicialmente conceituar o que chamamos de *emoção* neste trabalho, já que essa é um elemento importante nos textos jornalísticos. De acordo com Charaudeau (2007), o sujeito escolhe usar da emoção para chamar a atenção do leitor/espectador.

O sujeito então recorre a estratégias discursivas que tendem a tocar a emoção e os sentimentos do interlocutor – ou do público – de maneira a seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do autor atingindo suas pulsões emocionais (CHARAUDEAU, 2007, p. 245).

Essa “sedução” é pensada desde o planejamento da reportagem ou roteiro, o que na Análise do Discurso é conhecido como *efeito visado*, o que seria suposto que o interlocutor sinta ao ver o vídeo, por exemplo, e que são efeitos que podem ou não acontecer ou serem sentidos. O foco está no planejamento do que poderá ser sentido e quais emoções serão ativadas pelos leitores/espectadores ao ter contato com a reportagem.

Por outro lado, na ligação com a emoção, do que se consegue atingir junto ao leitor/espectador em contato com a reportagem em relação ao que foi planejado chamamos de *efeito produzido*. Ou seja, emoções que, de fato, foram planejadas e realizadas pelos sujeitos, na perspectiva de que “um discurso que visa a produzir uma emoção é, por si refutável se for observável que, por exemplo, podemos replicar a alguém que tenta nos sensibilizar “você pode se fazer de vítima, mas você não me comover” (CHARAUDEAU, 2007, p. 242).

Tudo indica que a relação entre o efeito visado e produzido gera uma lacuna, pois algumas emoções podem ser confundidas com sentimentos. Para diferenciar emoção de sentimento, Charaudeau (2007) afirma que a emoção seria da ordem moral, enquanto o sentimento seria da ordem do sensível. Pelo que explica o autor, o que mais se adequa à análise da reportagem é mesmo a noção de emoção pela ordem da moral, tendo em vista que essa noção permite

articular todo o arcabouço de características que os sujeitos compartilham socialmente. Essa escolha nos faz, conseqüentemente, nos distanciarmos da ideia de sentimento, pois tais análises independem da sensibilidade do sujeito (sentimentos), o que não é o foco de nosso trabalho.



Tal debate nos remete, ainda, ao conceito de *doxa*, sendo que:

a importância atribuída ao auditório acarreta naturalmente a insistência no conjunto de valores, de evidências, de crenças, fora dos quais todo diálogo se revelaria impossível; em outras palavras, conduz a uma *doxa* comum. É mediante um trabalho sobre a *doxa* que o orador tenta fazer seu interlocutor partilhar seus pontos de vista (AMOSSY, 2005, p. 123).

Assim, para que o efeito visado e o produzido sejam efetivos devem-se considerar os valores e crenças dos sujeitos e o modo como esses auxiliam na construção do discurso. A autora acrescenta ainda que a *doxa* é:

o espaço democrático que todos os cidadãos podem partilhar – o lugar comum – tornou-se então o espaço degradado do vulgus, o público. Desde então, a *doxa*, em suas várias designações e terminologias, foi tomada como um discurso não crítico, repetição desprovida de reflexão (AMOSSY, 2002b, p. 374, tradução).

Diante desse debate inicial sobre emoção – e seus efeitos - e a *doxa*, é necessário a compreensão de que tais elementos têm sua base construída na *doxa*, no que se tem como representações sociais, culturais e políticas. Cabe ressaltar que, no caso das quebraadeiras de coco babaçu, essas representações são mais fortes no campo ambiental. Esse conjunto de saberes e crenças nas relações enunciativas formam as ferramentas fundantes para a enunciação.

Nesse sentido, vemos como a *doxa* é importante instrumento de construção da argumentação, sobretudo porque influencia a constituição do *ethos*, uma vez que:

Algo que chama particularmente a atenção quando percorremos os trabalhos que fazem uso do *ethos* é que seu conteúdo é muito variável, ou até controverso. Por exemplo, fala-se de *ethos* "de professor", "de esposa", "de político", "de competência", de *ethos* "calma", "comunista", "rural", "profético" etc. Isso compreende: o conteúdo que é dado ao *ethos* depende consideravelmente dos tipos ou gêneros de discurso que se estuda de maneira privilegiada; examina-se raramente o discurso em toda sua diversidade (Maingueneau, 2018, p. 322).

A compreensão da *doxa* e do *ethos* é justamente o que permite desfazer o equívoco e a generalidade criticada por Maingueneau na citação anterior. O que o autor tematiza, de



certo modo, é que, ao invés de se analisar o discurso, tem se rotulado a *doxa*, ou o senso comum, como equivalente ao *ethos* discursivo.

Antunes e Pauliukonis (2018) definem *ethos* como uma técnica argumentativa. De acordo com as autoras, consiste na criação de imagens para conseguir a adesão dos sujeitos a uma dada posição discursiva. De acordo com as autoras, é um conjunto de características que se modificam o tempo todo na cena comunicativa “não está no interlocutor, mas depende desse outro para existir” (p.295).

O *Ethos*, como propõe Maingueneau (op.cit.), ligado às questões éticas-morais-históricas, aparece no discurso da reportagem que analisaremos através das imagens de si e das falas apresentadas ao longo do vídeo. Ao final, tem-se uma soma de falas de sujeitos envolvidos na produção de personagens reais no processo comunicativo. Ao afirmar “eu sou quebradeira de coco babaçu” a construção do *ethos* passa por um processo real. O desenrolar de acontecimentos, a apresentação das personagens (sujeitos), as opiniões sobre a sobrevivência pela quebra do coco babaçu trazem representações sociais e culturais imbricadas nos discursos.

As várias dimensões e posições de quem assiste e, em todo processo discursivo, o *ethos* define a identidade enunciativa/argumentativa do sujeito, mas em conjunto com o arcabouço e conhecimentos acrescentados pelo *Phatos*. A proposta de construção da imagem das quebradeiras de coco babaçu na reportagem e dos efeitos sentimentais dos sujeitos são uma tentativa de emocionar e são necessárias para a compreensão do discurso na reportagem.

Essa persuasão, estimulada pela emoção de quem assiste, pode desempenhar papéis diversos, ao ter contato com os espectadores. Todo esse debate implica o conceito de *Phatos*, sendo esse:

O que havia denominado “tópicas do *pathos*”, já que podem ser úteis no tratamento do discurso político: tópica da “dor” e seu oposto, “o prazer”; tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; tópica da antipatia e seu oposto, a “a-simpatia”. Cada uma destas tópicas era definida em termos de *cenário* e de *figura* (tristeza-sofrimento/contentamento-satisfação; medo-terror/confiança-apelo; cólera-aversão/benevolência-compaixão) marcando um certo *lugar* (adesão/distância) do telespectador (CHARAUDEAU, 2007, p. 243).



Assim, a marcação de um lugar pelo espectador como um elemento enunciativo já se considera patêmico. Além disso, uma variedade de outras questões, em combinação com a emoção a serem perpassadas a quem assiste, devem ser consideradas: a situação e contexto, expectativas, intencionalidade, dúvidas e questionamentos, as crenças (*doxa*) e ainda as identificações afetivas do interlocutor.

O que mais chama a atenção sobre os efeitos patêmicos são os elementos linguísticos que podem gerar emoção ao espectador, ligados ao processo de enunciação e aos temas abordados. Além disso, os sujeitos apresentados, por si só, podem gerar possíveis efeitos patêmicos que não se consideraram na produção da reportagem.

Tendo em vista a discussão realizada sobre o conceito de pathos, vemos como esse pode ser usado como complementar ou mesmo equivalente de emoção, já que permite englobá-la e contemplar, ainda, os seus efeitos. Nesse sentido, assumimos uma posição também sustentada por Charadeau (2010), que afirma

[...] a razão pela qual prefiro os termos "pathos", "patêmico" e "patemização" em lugar de emoção. Isso me permite, por um lado, inserir a análise do discurso das emoções na filiação da retórica que desde Aristóteles trata os discursos em uma perspectiva de visada e de efeitos [...], por outro lado, me permite dissociar a análise do discurso, caso seja necessário, da psicologia e da sociologia (CHARAUDEAU, 2010, p. 35).

Os efeitos possíveis (patêmicos) acontecem somente em contato com o espectador e aos que se identificam com o tema tratado, pelo próprio processo enunciativo, não acontecendo somente em reportagens, mas em outras situações discursivas. Uma observação cabível é que para que os efeitos produzidos se façam presentes ou não é preciso que se realize um cálculo nos efeitos visados no processo de enunciação discursiva, pois mesmo roteirizados, há imprevisíveis no jogo enunciativo.

Na reportagem, as emoções – e para categorização neste trabalho, a patemização – atinge os espectadores de maneiras distintas, ao mesmo tempo que as personagens falam, uma série de recursos sonoros e visuais ativam a patemização. Os cenários, a fala dos personagens reais, enquadramentos, iluminação e os sons favorecem a





patemização, ao tornar tudo tão verossímil à realidade dos sujeitos apresentados.

O discurso da reportagem, levando em consideração a parte textual, pois no vídeo da reportagem se intercalam música e vozes, fica perceptível a carga ideológica ligada à *doxa*. Para Faircough (2001), “a função ideacional [são] aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações” (2001, p.92). O discurso de reportagem em vídeo tem como pretensão trazer significados e ideias sobre os sujeitos por eles retratados.

Por fim, os elementos do discurso de reportagem em vídeo conduzem a um debate teórico interessante. Todos os elementos argumentativos apresentados levam o espectador a refletir sobre as informações apresentadas sobre o tema abordado, enquanto a análise desse discurso permite compreender os elementos que levam o espectador a sentir certas emoções sobre as reportagens em vídeo, através da patemização.

385

### ANÁLISE DOS DADOS

A reportagem em vídeo “Veja como estão as quebradeiras de babaçu visitadas pelo Globo Rural há 15 anos” faz referência à revisitação da equipe do programa dominical da Rede Globo de televisão, quando esteve na comunidade de Ludovico, localizada no município de Lago do Junco, Maranhão, pela primeira vez em 2004.

A reportagem produzida há quinze anos atrás visava documentar o processo de organização e o trabalho em cooperativa e os impactos na vida da região do município de Lago do Junco. Mostrava a luta pela valorização da atividade, um trabalho que começaram há mais de 30 anos.

A reportagem de 2019 relata as mudanças acontecidas na comunidade 15 anos após a primeira reportagem. Para tanto, revisita as mesmas quebradeiras de coco da primeira reportagem, mostrando como houve uma melhora significativa na vida dessas quebradeiras e da organização da cooperativa.

A reportagem da Globo Rural sobre as quebradeiras de coco babaçu, se dá em 04 vídeos distintos que somam 42 minutos de exibição. Para este artigo, foi selecionado a parte final que

compreende o minuto 13min04s a 14min49s, totalizando 1min45s de material analisado. Na parte da reportagem em vídeo, aparecem as quebradeiras de coco babaçu fazendo falas diversas, com um fundo musical e mostrando a paisagem dos babaçuais.



O trecho a ser analisado foi escolhido por conter algumas definições e proposições, feitas pelas próprias quebradeiras, do que consiste no seu ofício. Diferentemente do restante da reportagem, em que as quebradeiras são interrogadas e respondem a perguntas feitas a elas, o trecho analisado apresenta um momento em que as quebradeiras falam sobre si e seu ofício sem interferência de uma exterioridade. Toda sua fala é acompanhada de um canto.

Não foi possível dispor do roteiro da reportagem em vídeo para análise dos efeitos visados, então o foco deste trabalho será nos efeitos produzidos e nos patêmicos. Para tanto, analisaremos imagens dessas cenas finais (quatorze cenas/imagens no total), algumas das falas dessas personagens e a trilha sonora do trecho selecionado.

Vale ressaltar que as análises farão referências aos efeitos visados e patêmicos existentes no trecho selecionado, porém a emoção que a imagem, o canto ou a fala irá causar em cada interlocutor, será tratado como relativo a cada um e aqui serão elencados alguns. O que se compreende é que o vídeo foi produzido para gerar efeitos patêmicos, mas que não se sabe de que ordem, listando apenas os efeitos visados perceptíveis na análise, entretanto nem todos serão elencados. A preocupação é que ao tentar expor os efeitos patêmicos gerados pela emoção, corre-se o risco de transformá-los em visados, não sendo o foco desta pesquisa. A emoção como efeito patêmico dependerá da relação que cada interlocutor terá com o que vê, escuta e interage com o vídeo mostrado.

O quarto dos vídeos, com 14 minutos, reportagens sobre as quebradeiras de coco mostra o retorno da repórter da primeira matéria a comunidade de Ludovico. Ela se encontra com as mesmas quebradeiras de coco e narra como essas, em sua maioria, mudaram suas vidas. A maior parte delas continua com o mesmo ofício, contudo as condições de vida são bem diversas. Elas narram as mudanças na casa, na



primeira reportagem de taipa, na segunda de alvenaria; o aumento da produção da cooperativa; o aumento do preço de venda do coco; os filhos que se formaram; a exportação dos produtos produzidos. Uma série de pontos que mostram o sucesso alcançado pelas quebradeiras entrevistadas 15 anos atrás. Na reportagem, apenas uma delas mudou de profissão e trabalha de costureira. O motivo da mudança foi a perda das terras.

O vídeo cria uma dramatização a partir da narrativa da vida dessas mulheres comuns que lutaram muito para conquistar o que tem e que declaram um amor a terra e ao seu ofício. Essa construção faz com que nos identifiquemos a essas mulheres. Elas são trabalhadoras, mães, esposas, mulheres.

Nos minutos finais aparece a assessora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), Rosalva Gomes dizendo: "quando se fala da desistência a gente liga ao fato de deixar de existir...e se a gente desistir do território, da floresta, do babaçu a gente vai tá desistindo de nós! Vai tá negando a nós próprias. É por isso que eu não me nego nunca. Eu sou o que eu sou, em qualquer canto que eu for."

Na sua fala, como assessora, percebe-se o fio condutor para o canto e a sequência de imagens e falas das quebradeiras de coco babaçu que se seguem. A relação delas com os babaçuais faz-se íntima e a luta por mantê-los de pé é defender suas existências. A analogia das quebradeiras com a palmeira de babaçu não pode ser negada, pois se assim for, nega-se a própria existência humana e a vida.

A primeira imagem exibida é de uma das personagens da reportagem, que inicia o canto que perdura até o fim do trecho selecionado, que foi adaptado do poema Lugar-Terra<sup>ii</sup> de Rosalva Gomes, transcrito abaixo:

Não me tire o meu sustento, não arranque o meu sonhar,  
não derrame o sangue dela,  
não impeça de brotar.  
Uma mãe de tantos filhos...,  
tantas vidas para cuidar,  
não plantou,  
ninguém regou mãe natureza,  
por isso não mate ela,

nem a faça implorar.  
Deixa em pé,  
deixa florar.



É muito comum para as quebradeiras de coco babaçu entoarem cantos no dia a dia da coleta e quebra do coco. Os cantos fazem parte de suas rotinas e podem alegrar o momento de trabalho árduo, bem como trazer reflexão sobre suas identidades, suas lutas e resgatar momentos por elas vividos. Ao longo do trecho selecionado há uma intercalação das falas dos sujeitos com um canto a capela que dão um tom emotivo a quem assiste.

As análises, neste artigo, estão divididas em três partes: a primeira mostra uma jovem quebradeira de coco babaçu que entoa um canto que se segue até o final do vídeo; a segunda sequência mostra várias quebradeiras de coco babaçu, posicionadas de forma diferente em cenários distintos; e por fim as imagens relativas a natureza e a atividade da quebra e coleta do coco babaçu.

As primeiras imagens exibidas são de uma das personagens da reportagem, que inicia a música que perdura até o fim do trecho selecionado. Rosalva Gomes é a única identificada nesta parte do vídeo, como Assessora do Movimento das quebradeiras, o que pode levar a entender que todas as demais mulheres que aparecem no restante do vídeo sejam quebradeiras de coco babaçu. Observa-se, na imagem abaixo, o posicionamento da personagem embaixo da palmeira de coco babaçu.

388



Imagem 01: personagem embaixo da palmeira de babaçu



Imagem 02: quebradeira entoando canto



O canto entoado nesse momento da reportagem em vídeo diz “não me tire o meu sustento”. O primeiro verso da canção destaca uma das primeiras funções que a palmeira ocupa na vida das quebradeiras de coco: o seu ofício, aquele que fornece o sustento a elas e a sua família. A imagem da palmeira de babaçu reforça qual é o sustento dessa que entoa a canção.

Os efeitos patêmicos podem variar ou ser imprevisíveis, mas considera-se aqui que os que se identificam com a proposta da cena e até sobrevivem, de fato, do que produzem da palmeira de babaçu irão sentir algum tipo de emoção. Há de se considerar ainda, a iluminação, o ângulo da câmera, destacando ao fundo a palmeira de babaçu.

A repetição da cena em outros momentos reporta as primeiras imagens e o canto diz “não arranque o meu sonhar” entoado pela personagem. O canto é a parte mais marcante de um possível efeito de patemização, pois só é interrompida quando as quebradeiras de coco babaçu se pronunciam.

Vemos que sonhar substitui aqui sustento. Os termos aparecem como equivalentes. O sonho das quebradeiras está atrelado ao seu sustento, é a comprovação de que, para elas, quebrar coco não é só um trabalho. A sequência dos versos visa provocar efeitos patêmicos no espectador, de modo que ele se identifique com as quebradeiras de coco e seja empático com a sua luta, pela mostra da fragilidade dessas mulheres e das palmeiras. Há, ainda, a apresentação de maneira impessoal de um antagonista, o(s) interlocutor(es) ao qual os versos se dirigem, aquele que pode tirar o sustento e o sonho das quebradeiras.

É importante ainda dizer que essa fragilidade é apenas aparente, pois o canto é a forma que usam no trecho desse vídeo (e nos versos destacados) para lutar e para denunciar o que ocorre: a derrubada das palmeiras de babaçu, algo bastante comum no contexto em que essas personagens estão inseridas.

Já na quinta cena, a personagem Rosalva Gomes está posicionada no meio da floresta de babaçu enquanto entoa “não derrame o sangue dela”. Novamente, a música chama a atenção com os possíveis efeitos patêmicos. O posicionamento da personagem, sentada no chão e cantando em meio aos babaçuais, remete a criação do

efeito visado e que gera o efeito produzido sobre a não derrubada das palmeiras. Observa-se a *doxa*, quando a personagem aparece no chão que representa o ato da quebra do coco babaçu, feito sentado pelas quebradeiras.



Se anteriormente, nos versos iniciais da canção, tínhamos retratada a relação das quebradeiras com a palmeira, nos versos seguintes a palmeira é personificada. É ela que tem sangue e pode ser ferida, é ela a vítima do interlocutor ao qual o eu lírico da canção se dirige. A personificação é usada como um modo de gerar efeitos patêmicos e a identificação dos espectadores ao ofício executado pelas quebradeiras e ao seu símbolo máximo: a palmeira.

A repetição na sétima cena traz a personagem cantando "não a impeça de brotar" posicionada sentada e no meio do babaçual. A repetição da cena caracteriza a idealização de efeitos visados durante a produção. Novamente, na nona cena, ela entoava "uma mãe de tantos filhos", que causa o efeito patêmico da cena seguinte. Em sua última aparição no vídeo, na décima primeira cena, a personagem canta "tanta vida pra cuidar", e subsidia os possíveis efeitos patêmicos da cena seguinte.

Pelos versos apresentados vemos como há a gradação da argumentação apresentada. Inicialmente a palmeira é objeto das quebradeiras, o seu sustento e o seu sonhar. Posteriormente, ela passa a ser personificada e vitimizada. A palmeira é aquela que sangra e que é impedida de brotar. Os versos seguintes podem ser lidos de várias formas. A mãe pode referir-se tanto a palmeira, o referente dos versos anteriores, quanto as próprias quebradeiras. Lido como a palmeira, vemos a personificação ocorrendo mais uma vez. A palmeira é a mãe porque promove o sustento de tantas pessoas que vivem da quebra de seu coco e as quebradeiras são seus filhos, são essas tantas vidas para cuidar. Essas tantas vidas para cuidar são aquelas que são apresentadas na sequência da reportagem, as quebradeiras e a bebê que aparece no vídeo.

Por outro lado, podemos ler as quebradeiras e a palmeira como uma coisa só, uma simbiose. São elas que têm tantos filhos e tantas vidas para cuidar.

Lido dessa forma, os espectadores que antes identificavam-se as quebradeiras, pelas histórias narradas, são instados a



identificar-se com a palmeira e a compreender a ligação profunda que as quebradeiras têm com essa planta e a natureza.

A segunda parte das análises traz as quebradeiras de coco babaçu e um bebê recém-nascido. Aqui, as quebradeiras, têm suas falas intercaladas pelo canto inicial, sendo pausado no momento de dar voz a elas.



Imagem 03: quebradeira de coco babaçu



Imagem 04: quebradeira de coco babaçu



Imagem 05: quebradeira de coco babaçu



Imagem 06: quebradeira de coco babaçu



Imagem 07: quebradeira de coco babaçu



Imagem 08: bebê recém-nascido.

Na imagem 03, temos reprodução do trecho em que a quebradeira de coco babaçu diz “Essa palmeira pra nós é tudo, é a nossa vida”, de punhos fechados enquanto fala, lenço na cabeça, sua imagem centralizada e ao fundo as palmeiras de babaçu ajudam a construir o *ethos* desta quebradeira, identificada como quebradeira de coco babaçu automaticamente.



Na imagem 04, a cena traz uma outra quebradeira de coco babaçu dizendo “É minha identidade, eu não sei ser outra coisa. Eu vou sempre dizer que sou uma quebradeira de coco”. O possível efeito patêmico nesta cena encontra-se na colocação da quebradeira de coco babaçu dentro da floresta de babaçu enquanto fala da sua identidade. Outro ponto forte é que no momento da ela posiciona as mãos no colo, gerando o efeito produzido na cena, como afirmação de sua autoidentidade.

A imagem 05 traz na cena, a quebradeira de coco babaçu dizendo “quando a gente escuta a queda da palmeira é como se a gente está escutando a queda de um ser humano”. Ao referenciar a quebra de uma palmeira de babaçu, a quebradeira leva as duas mãos cruzadas ao colo, perpassando como efeito produzido, a posição de morte de seres humanos, metáfora usada na sua fala. Como possíveis efeitos patêmicos devem ser considerados, ainda, que a quebradeira de coco babaçu está no centro de uma comunidade, com foco dela e fundo desfocado, em sua cabeça encontra-se um lenço, elemento característico dos sujeitos.

Na imagem 06 a cena traz a quebradeira de coco babaçu dizendo que “cada vez que eu vejo derrubadas de palmeiras a gente sofre junto com elas”. Na cena, a quebradeira de coco babaçu, centralizada, com o lenço característico dos sujeitos e ao fundo a floresta de babaçuais causam os possíveis efeitos patêmicos, principalmente quando fala do sofrimento que todas elas sentem com as derrubadas. Efeito este que só é causado por causa da *doxa* presente nas histórias de vidas. A reportagem toda constrói essa *doxa* (esse saber comum), de forma que chegamos ao final dessa dramatização sabendo quem são essas personagens e compreendendo sua relação com a terra, com a palmeira e seu ofício. De modo que podemos nos comover com essa narrativa. Podemos compreender a personificação dessa palmeira tão humanizada quanto as personagens dessa reportagem.

A imagem 07 traz a quebradeira de coco babaçu dizendo “Eu tenho filho na faculdade à custa de coco”. Aqui a quebradeira de coco aparece na floresta de babaçu enquanto fala, com seu lenço característico na cabeça,

pode-se afirmar que há a construção de um *ethos*. Posicionada no centro do vídeo, com o babaçual desfocado ao





fundo. O possível efeito patêmico está no posicionamento das mãos da quebradeira levantada para cima, enquanto fala dos filhos na faculdade por causa do coco babaçu.

A imagem 08 traz no vídeo o choro de um bebê recém-nascido. Nessa cena, o choro do bebê recém-nascido, por si só já gera efeitos patêmicos. O que se destaca é que possa ser um efeito visado, pensado na produção ou edição, que causam efeitos produzidos no espectador, como a garantia das futuras gerações das quebradeiras de coco babaçu, construindo o *ethos* delas. Outro ponto de destaque é a roupa da criança que aparenta ser uma menina, fortalecendo a ideia de futuramente ser uma quebradeira, elemento este, subsidiado pela *doxa* dos sujeitos.

Nas cenas em que são rerepresentadas as quebradeiras de coco e a bebê temos a recorrência de algumas imagens que funcionam aqui como um senso comum, uma *doxa* sobre as quebradeiras de coco. Todas as quebradeiras estão na mata de babuçais falando sobre o seu ofício e sua vida. Com a exceção de uma, todas estão com seus lenços na cabeça. Até a recém-nascida é retratada com o que seria um goro, que parece ser um equivalente do lenço. Essas imagens marcam seu pertencimento a esse lugar e a esse ofício: essa é a sua identidade.

Vemos ainda que os versos da canção reforçam o pertencimento das quebradeiras a esse lugar, a personificação da palmeira e a simbiose entre quebradeiras e palmeiras. A morte da palmeira é aproximada da morte humana e a morte da palmeira causa dor nas quebradeiras.

A última parte das análises traz uma sequência sem falas, somente com o canto sendo entoado, mostrando a floresta de babaçu e o dia a dia das quebradeiras de coco babaçu



Imagem 09: floresta de babaçu.



Imagem 10: coleta de coco babaçu



Imagem 11: quebra de coco babaçu



Imagem 12: palmeiras de coco babaçu



Imagem 13: palmeiras de coco babaçu



Imagem 14: pôr do sol.

Na sequência de imagens a cena retoma a da imagem de Rosalva Gomes cantando “Não plantou, ninguém regou, a, a, a, mãe palmeira”. Ela dá base para a imagem 09 que traz uma visão de cima da floresta de babaçu, claramente como efeito visado é mostrar que o babaçu é um



extrativismo e que para crescer não necessita de muitos cuidados.

Vemos, pelos versos entoadas, que a construção da argumentação alcança seu grau mais alto, da personificação da palmeira passamos a sua metaforização. Ela é a mãe. Uma mãe que é onipotente, uma vez que ninguém regou ou plantou.

Fica evidente os possíveis efeitos patêmicos ao mostrar os babaçuais, como uma floresta, da parte de cima, tomando conta de todo o território, com a música instrumental ao fundo. Os espectadores que têm ligação com os babaçuais, seja uma ligação anterior a e espectador da reportagem, seja uma relação mediada pela reportagem ou mesmo com as questões ligadas à preservação ambiental poderão sentir emoções diversas nessas cenas.

A imagem 10 mostra a coleta de coco babaçu, por três quebradeiras, cena mostrada debaixo para cima, cada uma com um cesto nos ombros ou na cabeça, o característico lenço na cabeça, andando no meio da floresta de babaçu. Ao fundo, a música instrumental reforça os possíveis efeitos patêmicos da cena.

O que chama a atenção nesta cena é a construção identitária das quebradeiras de coco babaçu no seu dia a dia de trabalho, ou seja, o *ethos*. Neste caso, não só individual, mas coletivo, pois trabalham em grupo. Outro ponto relevante, passa ser o vislumbre da *doxa* na representação da cena, pois a coleta do coco babaçu é feita pelas quebradeiras e passada de geração a geração. A luz forte do sol sobre as quebradeiras pode gerar possíveis efeitos patêmicos também.

O sol está presente na imagem 11 e mostra, mesmo que com uma luz fraca, as quebradeiras sentadas em círculo quebrando o coco babaçu. Os possíveis efeitos patêmicos se fazem presente com a música instrumental ao fundo, a pouca luz sobre as quebradeiras de coco babaçu. A cena aparenta ter efeitos visados, pois a posição das personagens, sentadas em círculo executando a ação deixa essa percepção. A imagem parece reforçar a simbiose entre as quebradeiras e a floresta. Nessa imagem elas são uma só, assim como entoam os versos da canção.

As imagens 12 e 13 trazem as palmeiras de coco babaçu de dois ângulos, um mais longe e outro mais próximo.



Essas duas cenas constam como efeitos visados do processo de edição da reportagem, mas que não deixam de gerar possíveis efeitos patêmicos para os que tem ligação com a palmeira de babaçu, ainda mais com a música instrumental ao fundo. Na imagem 12, o ângulo pelo qual a palmeira é retratada faz com que seus frutos se assemelhem a uma parte do corpo feminino, uma espécie de metonímia da mulher, das quebradeiras que foram retratadas ao longo da reportagem.

A imagem 14 traz o pôr do sol ao fundo, com as palhas de babaçu na frente e o voo de um pássaro cortando a paisagem. Os possíveis efeitos patêmicos nessa cena são direcionados para o pôr do sol e o encerramento da reportagem em vídeo, com a música instrumental ao fundo. Como efeito visado o final da reportagem leva em consideração o encerramento de um dia de trabalho, com o sol se pondo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observa ao longo da reportagem em vídeo selecionada é uma alta carga de possíveis efeitos patêmicos. Neste artigo, observaram-se os principais usos dos efeitos visados e patêmicos encontrados no corpus para entender o *ethos* das quebradeiras de coco babaçu.

De forma geral, conclui-se que a patemização da reportagem em vídeo analisado acontece pela ação de captar e prender o espectador, além de contar a própria história das quebradeiras de coco babaçu e sua relação com a floresta dos babaçuais. Considerando que a patemização possa ser uma categorização do efeito visado, há duas relações: a organização da narrativa sequencial e histórica; e a identificação dos espectadores com a proposta/tema da reportagem. Mesmo assim, não é garantia suficiente que o espectador possa emocionar-se, como previsto, caberia aqui uma observação dos efeitos produzidos para entender como fora a recepção da reportagem.

Em concordância com este pensamento, Charaudeau (2010) afirma que

As crenças são constituídas por um saber polarizado em torno de valores socialmente partilhados; o sujeito mobiliza uma, ou várias, das redes inferenciais proposta pelo universo de crenças disponíveis na situação onde ele se encontra, o que é suscetível de



desencadear nele um estado emocional; o desencadeamento do estado emocional (ou sua ausência) o coloca em contato com uma sanção social que culminara em julgamentos diversos de ordem psicológica ou moral (CHARAUDEAU, 2010, p.30).

Os possíveis efeitos patêmicos podem se caracterizar também pela ausência da emoção ligados à capacidade de mobilização da *doxa* dos sujeitos. Assim, a percepção das peculiaridades do discurso de reportagem em vídeo agrega valores a teoria semiolinguística e para a argumentação.

Tentou-se entender como a discursividade está presente nas reportagens em vídeo, com a seleção de teorias que ajudassem a compreender esse tipo de linguagem e seus variados códigos: imagens em movimentos, som, realismo; essa junção ajudam na percepção dos possíveis efeitos patêmicos.

Cada cena, frase dita pelas quebradeiras de coco babaçu, a luz, as características do *ethos* e até a carga de crenças – *doxa* – apresentadas na reportagem formam um conjunto de fatores e categorias que auxiliam a análise discursiva. Quanto mais ligação o espectador tiver com a realidade apresentada, maiores serão os possíveis efeitos patêmicos.

Por fim, a reportagem reforça por várias vezes a construção do *ethos* das quebradeiras de coco babaçu, ao caracterizá-las com o lenço na cabeça na lida diária com seu trabalho. Mesmo assim, algumas cenas podem referenciar o *phatos* e tudo isso deixa claro o quanto os elementos da argumentação estão ligados, com mais ou menos intensidade e diferenças na perspectiva de construção dos possíveis efeitos patêmicos.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **How to do things with *doxa*: toward an analysis of argumentation in discourse**. In: AMOSSY, Ruth. (Ed.). *Poetics Today*. Vol. 23, n. 3, Fall. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2002b, p. 465-487.

\_\_\_\_\_, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005.

ANTUNES, Claudia Sousa; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *Ethos: a construção da imagem de si*. *Confluência*, [S.l.], p. 284-298, dec. 2018. ISSN 2317-4153. Disponível em:

A patemização do discurso sobre as quebradeiras de coco babaçu no Maranhão  
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,  
p. 377-400, jan./jun. 2020  
ISSN 2525-3441



<<http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/259>>.

Acesso em: 10 mai. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i55.259>.

BRITO, M. A. P. ; OLIVEIRA, R. L. A construção do referente em uma análise do pathos na polêmica. **Organon**. Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v. 33, n. 64 (2018).

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. in Ida Lucia Machado, William Menezes, Emilia Mendes (org.). **As Emoções no Discurso**. Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251

\_\_\_\_\_. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L (Org.). **As emoções no discurso**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010. v. 2.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

FERNANDES, A. Estratégias discursivas do pathos na Folha de S. Paulo: a emoção como argumento no jornalismo. **RuMoRes**, v. 6, n. 11, p. 108-122, 6 ago. 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de *ethos*. In: \_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. Curitiba: Criar Produções, 2006.

\_\_\_\_\_, Dominique. Retorno crítico à noção de *ethos*. **Let. Hoje**, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul.-set. 2018.

GLOBO RURAL. "Veja como estão as quebradeiras de babaçu visitadas pelo Globo Rural há 15 anos" Disponível no link <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2019/01/13/veja-como-estao-as-quebradeiras-de-babacu-visitadas-pelo-globo-rural-ha-15-anos.ghtml> Acessado em 09 de janeiro de 2020.

398

Recebido em 30 de abril de 2020.

Aprovado em 25 de maio de 2020.



## PATHEMIZATION IN THE DISCOURSE ABOUT THE BABAÇU COCONUT BREAKERS IN MARANHÃO

**ABSTRACT:** This paper seeks to analyze the construction of pathos in media texts. For this purpose, we took as an object of analysis a report published in the magazine Globo Rural, in celebration of the tv program number 2000, with the title "See how babassu coconut breakers visited by Globo Rural 15 years ago are". We will use the theoretical frameworks of argumentation and semiolinguistics CHARAUDEAU (2007, 2010), to analyze how a social fact becomes a discourse through the statements and the concepts of *Ethos* and *Phatos* and their effects on discourses AMOSSY (2005), to analyze some scenes and songs that make up this tv report. Through the analysis, we noticed that the Globo Rural magazine report built, through a series of pathemic effects, an identification of the viewer with the babassu coconut breakers. These are identified as professionals, women, mothers and providers. However, as each of these characters is presented, there is a crystallization of the figure of these women, through the repetition of images. The Knowledge about them takes on the value of a *doxa*, then it becomes commonplace.

**Keywords:** Emotion; Patemization; Report; *Ethos*.

---

<sup>i</sup>Disponível no link

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2019/01/13/veja-como-estao-as-quebradeiras-de-babacu-visitadas-pelo-globo-rural-ha-15-anos.ghtml>

<sup>ii</sup> Publicado na Tese de doutorado: APURINÃ, Francisco. Do licenciamento ambiental à licença dos espíritos os "limites" da rodovia federal BR 317 e os povos indígenas". Brasília-DF, 2019.